Por que estudar Darcy Ribeiro?

Autoria: Fábio Renato da Silva, Sueli Goulart

Resumo

Argumentamos, neste artigo, sobre a relevância de aproximação a um dos mais criativos e irrequietos intelectuais brasileiros. Porque estudar Darcy Ribeiro na área de Estudos Organizacionais é a resposta que tentaremos oferecer. Aos que nos lerem, pedimos que aceitem o desafio, ou, os desafios: o primeiro, de *"ouvir"* nossa argumentação e, na sequência, o de se aventurar à profusão de idéias, palavras e *"fazimentos"* de Darcy. De acadêmico à indianista, de militante político à burocrata, o intelectual natural de Montes Claros, interior de Minas Gerais, percorreu trajetórias díspares, o que lhe permitiu uma formação profícua e *sui generis* tanto na prática política quanto na intelectual. Aliás, foi através da mistura e do mútuo envolvimento entre o pensar e o agir para transformar a realidade que Darcy se confrontou com os limites de suas escolhas tanto quanto com as restrições histórico-estruturais de nossas instituições. Durante dez anos, trabalhando junto aos índios e aos sertanejos, Darcy desenvolveu um olhar crítico sobre a realidade brasileira a partir da maioria da população, às margens do acesso à riqueza material das nossas terras. Por outro lado, sua formação acadêmica positivista e estruturalista e sua experiência política - comunista na juventude e trabalhista em fase posterior – permitiram-lhe seguir por caminhos que, se inicialmente não se dialogavam, posteriormente, se confrontaram e levaram-no a compreender ambas as posturas dotadas de limites transformadores. Foi dessa fusão de consciências, expressa numa abertura singular para a revisão de conceitos, que Darcy moldou sua atuação política e construiu seu entendimento sobre a América Latina e o Brasil. Falar de Darcy e da importância de estudá-lo no âmbito dos Estudos Organizacionais requer apresentá-lo aos poucos, ainda que brevemente, em tópicos para, em um esforço que a própria vida tratou de exercer, uní-lo em um só. Assim, discorremos sobre suas experiências indigenistas, sobre a *persona* intelectual, sobre o educador e militante pela educação e sobre o homem político. O exercício e crítica ao funcionalismo – perspectiva tão presente em nossa área de estudos – e à irracionalidade da atividade científica guiada por padrões de produtividade; as categorias propriamente criadas para analisar o modo de vida das gentes brasileiras, a exemplo do conceito de transfiguração étnica; a sua postura intelectual e a sua praxiologia permanente, ainda (ou, por isso mesmo) que contraditória em vários momentos: todos são, ao mesmo tempo, instigantes e desafiantes pontos a aprofundar e, criticamente, apropriar no nosso fazer acadêmico. Para finalizar, deixamos em aberto o desafio de refletir e, criticamente apropriar ou abandonar, as provocações de Darcy. Da organização social dos indígenas à sua forma de integração à sociedade mercantil, mantendo a identidade; da organização da universidade, passando pela definição de políticas educacionais aos riscos e promessas do ensino à distância, tudo nos parece passível de integrar a agendas de estudos e pesquisas que se pretendam comprometidas com a transformação de nossa realidade.

> *Toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: a de atender ou de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta* (FREIRE, 1981).

Certo: não estamos propondo uma bibliografia, no sentido de apresentação de uma listagem de títulos, autores ou temáticas sugeridos para estudo ou citados em textos produzidos. Nem seria próprio ao espaço a que este texto se destina. Usamos a epígrafe, extraída do texto "Considerações sobre o ato de estudar", de Paulo Freire, como um mote para o que argumentaremos neste artigo: porque estudar Darcy Ribeiro na área de Estudos Organizacionais. É verdade: pretendemos "despertar o desejo de aprofundar conhecimentos [...] (FREIRE, 1981, p.8). Paulo Freire atribui compromisso a quem sugere o estudo de determinados títulos e também a quem os recebe. Os primeiros precisam saber o que estão sugerindo e o porque o estão fazendo; os últimos, não devem ver nas sugestões uma prescrição, mas "um desafio".

Estamos, pois, na posição dos primeiros, sugerindo o estudo de um determinado autor; sabemos o que estamos sugerindo: a aproximação a um dos mais criativos e irrequietos intelectuais brasileiros; porque o estamos fazendo, é a resposta que tentaremos oferecer até o final deste texto. Aos que nos leem, pedimos que aceitem o desafio, ou, os desafios: o primeiro, de *"ouvir"* nossa argumentação e, na sequência, o de se aventurar à profusão de idéias, palavras e *"fazimentos"* de Darcy.

De acadêmico à indianista, de militante político à burocrata, o intelectual natural de Montes Claros, interior de Minas Gerais, percorreu trajetórias díspares, o que lhe permitiu uma formação profícua e *sui generis* tanto na prática política quanto na intelectual. Aliás, foi através da mistura e do mútuo envolvimento entre o pensar e o agir para transformar a realidade que Darcy se confrontou com os limites de suas escolhas tanto quanto com as restrições histórico-estruturais de nossas instituições.

O turbilhão de ideias e de propostas, como o define Eric Nepomuceno (NEPOMUCENO, 2009), afirmava que foram os "fatores acidentais de singularidade" que lhe permitiram buscar interpretar o Brasil para intervir no seu destino, o que se refletiu em obras como "Os Brasileiros" e "Estudos de Antropologia da Civilização". Durante dez anos, trabalhando junto aos índios e aos sertanejos, Darcy desenvolveu um olhar crítico sobre a realidade brasileira a partir da maioria da população, às margens do acesso à riqueza material das nossas terras. Por outro lado, sua formação acadêmica positivista e estruturalista e sua experiência política - comunista na juventude e trabalhista em fase posterior – permitiram-lhe seguir caminhos que, se inicialmente não se dialogavam, posteriormente, se confrontaram e levaram a compreender ambas as posturas dotadas de limites transformadores (RIBEIRO, 2009).

Conforme revelou Darcy:

> A terceira ordem de experiências, que começa quando sou chamado a participar dos órgãos de decisão da estrutura de poder, operou como uma dupla desmistificação. Por um lado, radicalizou minha postura ao revelar-me a impotência do reformismo e a fragilidade das instituições políticas chamadas a defender os interesses nacionais e populares, em face do poderio dos interesses patronais e da alienação do patriciado político e militar que sempre governaram o Brasil. Por outro lado, demonstrou a futilidade do trabalho a que nós, cientistas sociais, nos dedicamos, geralmente mais empenhados em escrever uns para os outros sobre temas socialmente

> irrelevantes, do que em contribuir a elucidar a natureza da revolução necessária. Mas operou, sobretudo, como um repto a fundir minhas consciências díspares (RIBEIRO, 2009, p. 96).

Foi dessa fusão de consciências, expressa numa abertura singular para a revisão de conceitos, que Darcy moldou sua atuação política e construiu seu entendimento sobre a América Latina e o Brasil.

Frente a tantas personas de um homem auto-definido como cobra, por tantas vezes trocar de pele (RIBEIRO, 2009), falar de Darcy e da importância de estudá-lo no âmbito dos Estudos Organizacionais requer apresentá-lo aos poucos, ainda que brevemente, em tópicos para, em um esforço que a própria vida tratou de exercer, uní-lo em um só – um dos principais representantes de uma geração de pensadores latino-americanos – dotado de tantas facetas, quanto de méritos pelo legado de suas realizações.

As marcas das experiências indígenistas

Durante o período em que cursava Medicina, Darcy, ao invés de se dedicar a esta graduação, usava seu acesso ao meio universitário para freqüentar disciplinas em outros cursos, como Filosofia e Direito (RIBEIRO, 1997b). Talvez essa mesma ausência de pendor para as ciências da saúde lhe tenha levado à realização no âmbito das ciências sociais: foi através da mudança para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, junto a professores como Lévi Strauss e Herbert Baldus (RIBEIRO, 1997b, 2009; NEPOMUCENO, 2009), que obteve as bases de sua formação como antropólogo; foi através de uma carta de Baldus a Rondon (RIBEIRO, 1997b) que ingressou no mundo da etnografia e desenvolveu tanto conhecimentos sobre o modo de ser e viver dos índios, como uma visão crítica sobre os povos indígenas que ainda resplandecem com as suas culturas no Brasil.

> Em 1910, Rondon criou o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais nas fronteiras da civilização. Esse acontecimento representa para os índios o que representou a Abolição para os escravos. Rondon não só afirmava o direito de os índios serem e continuarem sendo índios, mas criava todo um serviço, integrado por jovens oficiais, dedicado à localização e pacificação das tribos arredias e à proteção dos antigos grupos indígenas dispersos por todo o país (RIBEIRO, 1997b, p. 152).

"Fiquei minha vida inteira atado a Rondon", declara Darcy (1997b, p. 150). Com sua visão positivista de defesa de uma política leiga indianista, Rondon representou uma grande referência no modo como Darcy, o etnógrafo, passou a enxergar os povos indígenas – não se posicionando como um simples observador apático de seu objeto de estudo, mas se engajando de maneira crítica tanto na compreensão do drama da sobrevivência dos índios frente a séculos de espoliação, como no combate aos atentados sofridos pelos remanescentes dos primeiros habitantes do Brasil.

> Estabeleci assim um divisor de águas, entre os que entendem que é possível e legítima uma posição neutra, indiferente, diante do drama indígena – o que me parece abominável, como seria a de um médico que não se interessasse pelos doentes, mas pela doença – e nós, que assumimos uma atitude de fidelidade aos povos que estudamos, incorporando o problema indígena na temática de nossas pesquisas como uma das questões cientificamente mais relevantes e humanisticamente mais frutíferas (RIBEIRO, 1997b, p. 156).

Através de Rondon, Darcy ingressou no mundo dos Kadiwéus, conhecendo inicialmente os Kaiowá, os Terena e os Ofaié-Xavante (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, [2009?]. Seu contato com aquele povo, além de render uma compreensão muito acurada sobre o papel do etnógrafo, permitiu entender as relações solidárias estabelecidas entre os indígenas, e ao mesmo tempo, a extrema dedicação e valorização da beleza na produção de seus artefatos.

No documentário Darcy Ribeiro – O Guerreiro Sonhador (LIMA, 2007), por exemplo, Darcy demonstra como os índios Urubu-Kaapor, herdeiros dos Tupinambás, na fronteira maranhense da Amazônia, valorizam a beleza e a precisão na confecção de flechas, seus instrumentos de trabalho.

> [...] As sociedades singelas guardam, entre outras características que perdemos, a de não terem despersonalizado nem mercantilizado sua produção, o que lhes permite exercer a criatividade como um ato natural da vida diária. Cada índio é um fazedor que encontra enorme prazer em fazer bem tudo que faz. É também um usador, com plena consciência das qualidades singulares dos objetos que usa (RIBEIRO; 2009; p. 41).

Quanto às relações solidárias, Darcy ressalta a ausência de formas de mandonismos nos povos que conheceu, ou seja, de relações de opressão.

> [...] Há no índio silvícola o encanto de uma convivência amena que vem talvez, do fato de não ter experimentado jamais as agruras da estratificação social. Não tendo senhores nem subalternos a quem obedecer ou dominar, todos ali são igualmente pessoas humanas, assim se vêem e se tratam, sem nunca se olharem sem se verem, ou se vendo com desprezo (RIBEIRO; 2009; p. 47).

O envolvimento de Darcy com os povos indígenas, com os quais conviveu por dez anos, o fez interceder junto ao presidente Getúlio Vargas, na criação do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, em um esforço conjunto com os irmãos Villas-Bôas. O argumento utilizado pelo intelectual no convencimento do estadista era o de que somente os índios poderiam conviver harmonicamente com a natureza e preservar uma pequena amostra da biodiversidade original para as gerações futuras (RIBEIRO, 1997b; LIMA, 2007). Todavia, como Darcy mesmo revela, sua preocupação consistia, especialmente, na preservação de tribos dispersas no território ao longo do Xingu que, de modo solidário, compartilhavam elementos de suas culturas e complementavam sua produção material, como a arquitetura das casas.

Diante de contrastes como a espiritualidade cindida pela catequização católica dos índios bororos e protestante dos guaranis, estes tomados pelo pessimismo de quem busca a redenção em outra vida e aqueles, regidos pelos sacerdotes e na valorização tanto dos vivos quanto dos mortos (RIBEIRO, 2009), Darcy pôde estabelecer as bases para o entendimento do processo de transfiguração étnica. Tal processo foi fundamental para compreender a sobrevivência e a transformação da cultura indígena frente à expansão das fronteiras da civilização, ou seja, como, frente ao avanço dito civilizatório, mantém-se a própria cultura indígena. O conceito de transfiguração étnica, como salienta Ribeiro, além de ter servido para embasar seus estudos junto aos índios Urubu-Kaapor, foi utilizado na elaboração de obras teóricas, a exemplo do livro "Os índios e a civilização" (RIBEIRO, 1997b).

> [...] a integração dos índios às frentes econômicas que avançam sobre eles constitui uma integração inevitável, no sentido de forçá-los a produzir mercadorias ou a se vender como força de trabalho para obter bens que se

> tornam indispensáveis, como as ferramentas, os remédios e alguns outros. Mas essa integração não significa assimilação. Mesmo quando perdem a língua e ainda quando se completa o que se poderia chamar de aculturação, ou seja, mesmo quando eles se tornam quase indistinguíveis do seu contexto civilizado, ainda assim mantêm sua auto-identificação como indígenas de um grupo específico, que é seu povo" (RIBEIRO, 1997b, p. 191).

Foi o contato com os índios que rendeu a Darcy inspiração para a ativação de outra de suas habilidades e gostos: a produção de romances. Tanto o livro *Maíra* quanto *Utopia Selvagem* tratam da temática indígena: enquanto o primeiro a aborda de modo realístico, demonstrando a humanidade de ser indígena, o segundo idealiza humoristicamente a figura do índio (RIBEIRO, 2009). Outro romance de Darcy, O Mulo, embora não trate da mesma temática, manifesta uma profunda crítica e preocupação sobre a realidade do caipira, também oprimido nas fronteiras da civilização e usurpado da consciência de que outro mundo, diferente daquele que o oprime, é possível.

É interessante observar que, embora considerasse uma válvula de escape às agruras do exílio e à rotina de trabalho estafante, Darcy via o romance como "uma forma livre de repensar a existência" e ao mesmo tempo de comunicação suprema em relação aos ensaios científicos. Ele o encarava como um meio para o compartilhamento de idéias e emoções entre o leitor e escritor (RIBEIRO, 2009). Talvez, a convivência com os índios Urubu-Kaapor, os quais desenvolvem uma narrativa muito flexível em termos de mitologia e representação de histórias (RIBEIRO, 1997b), tenha influenciado Darcy no entendimento de que a liberdade narrativa tem um importante potencial comunicativo.

Darcy, além de uma fecunda produção intelectual sobre os povos indígenas, tanto em forma de ensaios teóricos, quanto de romances, também atuou como militante em defesa daqueles. Em 1978, por exemplo, Darcy mobilizou imprensa, lideranças indígenas e o meio acadêmico contra uma falsa campanha de emancipação dos povos indígenas promovida pela ditadura militar (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, [2009?]).

A *persona* intelectual

Certa vez, na sua juventude, Darcy falou a seu amigo Raul:

> Você é inteligente. E um homem tem o direito de exigir de outro homem que ele busque a verdade. Pense. Honestamente. Faça como eu, procure a sua verdade. Pense. Honestamente. Não se agarre a essa verdade feita que lhe deram. Não preconceba. Busque a outra. A sua. PENSE! (RIBEIRO, 1997b, p. 107)

Essa postura indagativa é perceptível nas diversas experiências vivenciadas por Darcy ao longo de sua trajetória. Tanto na sua obra teórica, como nas suas ações mais concretas no âmbito do Estado, o intelectual exercitou, permanentemente, o repensar suas escolhas e a reelaboração de seu modo de enxergar o mundo. Contemporâneo de pensadores brasileiros como Josué de Castro, Paulo Freire e Guerreiro Ramos, definiu "[...] o papel dos intelectuais brasileiros como expressões mais ou menos lúcidas do saber erudito de nosso povo, a parcela de gentes de que o Brasil dispõe para entender como viemos a ser o que somos e para iluminar nossos caminhos futuros" (RIBEIRO, 1997b, p. 547).

Mas, a erudição, para ele, não poderia substituir a necessidade de considerar o mundo objetivamente, "para entendê-lo e então atuar". De outra forma, caracterizava a erudição como "a inteligência que se devora e que leva o homem apenas a fruir o mundo [...] (RIBEIRO, 1979/2007, p. 82). A visão de que o saber de um povo é construído

historicamente não de modo cumulativo, mas através de um permanente processo de referência e de repensar, é presente na imagem que delineia do intelectual co-partícipe no processo histórico de transformação da sociedade. Nesse sentido, compete ao intelectual dar continuidade ao "[...] esforço coletivo de ir construindo, geração após geração, cada qual como pode, o edifício do autoconhecimento nacional. Ninguém pode contribuir para ele, é óbvio, se não conhece a bibliografia antecedente" (RIBEIRO, 1997b, p. 122). A menção que faz sobre a necessidade do conhecimento prévio coaduna-se com a sua afirmação de que um intelectual se forja na leitura de livros, "os tijolos do espírito".

Vinculado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Darcy foi extremamente crítico ao cientificismo, cuja ponta-de-lança entendia ser o funcionalismo que, tomando o lugar da erudição, priorizava "a pesquisa e o treinamento para a preparação de cientistas". A especialização, a fixação em detalhes para especulações e experiências decorrentes desse modo de produzir conhecimento, "torna a ciência a atividade mais irracional do mundo no plano organizativo" (RIBEIRO, 1979/2007, p. 83).

> São milhares, trabalhando sobre um mesmo tema, e as descobertas se dão por mero acaso, sem que se possa prever onde. A possibilidade que cada um deles tem de contribuir para o progresso da ciência é insignificante. Vivem do prestígio da ciência, posam como homens que vão renovar o saber, mas a imensa maioria não renova coisa alguma. Entretanto, é preciso aceitar que seja assim, porque a ciência é a linguagem da civilização emergente e estamos a desafiá-la como condição mesmo de poder conviver entre os povos do mundo contemporâneo (RIBEIRO, 1979/2007, p. 83).

Formado na atmosfera intelectual paulista que à época contava com a presença de "luminares da antropologia" como Lévi-Strauss e Radcliff Brown, Darcy relembra ter compulsado revistas e livros da biblioteca da Escola de Sociologia e Política em cujas fichas figuravam nomes ilustres. Manifesta suas observações quanto a Lévi-Strauss:

> O jovem sábio Lévi-Strauss era mais filósofo do que antropólogo, que saía da sua vertente cultural franco-alemã para passar naqueles anos à vertente norte-americana. Esta mistura feita em São Paulo é que, depois, entroncada com a lingüística, deu no estruturalismo. Eu, pobre estudante mineiro, querendo ser aplicado, mergulhei naquilo que, para mim, era a própria sabedoria. Na verdade, depois percebi, tratava-se de uma técnica moderna com respeito à erudição arcaica de que eu saía, mas era igualmente alienadora. [...] O fato é que claudiquei totalmente me entregando inteiramente ao sociologismo funcionalista extremado (RIBEIRO, 1979/2007, p. 84-85).

Falando de seus interesses e dos de Florestan Fernandes (outro contemporâneo na Escola de Sociologia e Política) pela sociedade nacional e pela revolução, questiona: "que lugar havia para nos ocuparmos dela [a sociedade nacional ou a revolução] naquela máquina de domesticação acadêmica?" (RIBEIRO, 1979/2007, p. 85). E se confessa:

> Dopados, doutrinados para o saber, estávamos empolgadíssimos com as tarefas que nos levariam um dia a ser quadros acadêmicos e científicos iguais aos melhores do mundo. Aparentemente só queríamos dominar sua linguagem, o funcionalismo; na verdade nos esterilizávamos num cientificismo que se esgotava numa finalidade em si, desligado de qualquer problemática social. Quero reiterar, porém, que ainda hoje acho que é muito legítimo estudar qualquer tema, só movido pelo desejo de saber. Afinal, nosso ofício de cientistas tem por fim melhorar o discurso humano sobre a

> natureza das coisas. Mas o que desejo assinalar aqui é o caráter alienador de uma escolástica científica que fechava nossos olhos para o contexto circundante, nos desatrelava do ativismo político para fazer de nós futuras eminências intelectuais e acadêmicas. Em nome da neutralidade científica, estávamos sendo doutrinados para aceitar como despolitização nossa contrapolitização com sinal invertido. E gostávamos" (RIBEIRO, 1979/2007, p. 85-86).

Tendo obtido uma bolsa de trabalho na Escola, ainda como estudante, viu-se obrigado a ler "um número enorme de obras de interesse social, toda a literatura que envolvesse sociologia". Leu todo o ciclo de romances regionalistas e autores como Sílvio Romero, Capistrano de Abreu e Oliveira Vianna, entre outros. Assim, foi-se inteirando dos "esforços dos brasileiros para compreender-se a si mesmos" e atribui a essa herança brasilianista, ao interesse literário e ao ativismo político o fato de não ter-se tornado um "acadêmico completo, perfeitamente idiota" (RIBEIRO, 1979/2007, p. 87).

Por se tratar não de um simples modo de pensar, mas de uma postura ética frente à realidade, seu compromisso com ideais próprios não era desvinculado, mas sim reafirmado na articulação com qualquer outra forma de prática, inclusive, da prática científica. Para ele, essa prática se relaciona com o exercício de interpretar e explicar uma realidade para reconstruí-la sob os rumos de um ideal libertário.

> Nosso papel é, pois, o de nos fazermos herdeiros do discurso da ciência, apenas para refazê-lo com base na exploração exaustiva do valor explicativo tanto dos contextos sociais concretos que observamos, como das circunstâncias de lugar e posição, desde as quais vemos a eles e aos seus contornos. Para fazê-lo com a ousadia de Marx, porém, é indispensável observar, comparar e interpretar de olhos postos no trânsito entre o que foi e o que pode ser, e com a predisposição de conhecer para intervir e influir, no sentido de que venham a se concretizar na história, amanhã, as possibilidades mais generosas que ela pode oferecer (RIBEIRO, 2009, p. 78).

Foi com esse sentido que Darcy buscou formas de compreender a situação da América Latina em sua condição de atraso e de submissão frente aos países desenvolvidos mas também em suas possibilidades de transformação positiva. Em seu livro As Américas e a civilização (RIBEIRO, 1970/1977), reconstituiu o processo de formação dos povos americanos, na tentativa de explicar as causas do seu desenvolvimento desigual. Para ele, o processo civilizatório que alcançou os países latino-americanos decorreu de revoluções tecnológicas – mercantil e industrial – operadas pela aceleração evolutiva dos países hegemônicos. Nos países latino-americanos tais revoluções chegaram como conseqüências reflexas daquele processo. As configurações sociais e econômicas que advieram desse contexto representaram o estabelecimento de relações de dominação no plano tecnológico, pela sobreposição de domínio de saberes e recursos; no âmbito institucional, pela imposição de instituições; e na esfera cultural, iniciando uma relação de deculturação – abandono da cultura original para adoção de outros construtos culturais – e chegando a uma relação de aculturação – cristalização de um novo repertório cultural para facilitar o estabelecimento de uma ordem econômica de subjugo.

Entretanto, entendia que a América Latina passava por uma transição entre a condição de atraso histórico para a de subdesenvolvimento. Como explicita em A Universidade necessária:

> No plano ideológico, esta transição se expressa por duas modalidades de consciência. A *consciência ingênua*, própria das nações historicamente

> atrasadas, que se caracteriza pela resignação com seu atraso e sua pobreza porque só é capaz de percebê-los como naturais e necessários. E a *consciência crítica*, correspondente à conjuntura do subdesenvolvimento, que se caracteriza por sua rebeldia contra o atraso, porque o percebe como antinatural e o explica como causado por fatores sociais erradicáveis (RIBEIRO, 1969, p. 12).

Caberia, então, às sociedades subdesenvolvidas, a partir de um alargamento da consciência, empreender mudanças que repercutissem sobre o domínio de tecnologias, redesenho do sistema institucional e redefinição dos sistemas culturais (RIBEIRO, 1977b). Como crítico feroz da academia e do cientificismo, Darcy incluiu em suas preocupações, que nunca eram meramente teóricas, o papel da universidade e "seu lugar na luta contra o subdesenvolvimento" (RIBEIRO, 1969, p. 2).

O educador e militante pela educação

Foi através da educação que Darcy se aproximou da política; foi, porém, a partir da influência de Anísio Teixeira ("o encontro intelectual mais importante em minha vida" (RIBEIRO, 1979/2007)), que orientou sua trajetória no sentido de lutar para que a educação fosse a base de uma consciência crítica nacional. Darcy revela que, graças a Anísio e Rondon, conformou suas maiores bandeiras de luta: a defesa da educação e dos povos indígenas (RIBEIRO, 2009).

A atuação de Darcy, no âmbito da educação, se iniciou durante o Governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), quando foi convidado a colaborar na formulação das diretrizes nacionais da educação.

> Designado por Anísio Teixeira, passou a dirigir em 1957 a divisão de estudos sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), vinculado ao Ministério da Educação. Em 1959, por decreto presidencial, Darcy foi encarregado de planejar a montagem da Universidade de Brasília (UnB). Em 1961, com a inauguração da UnB, foi nomeado seu primeiro reitor (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2009).

Darcy, assim como Anísio Teixeira, defendia a ampliação do acesso à educação pública da população em oposição ao privatismo, o qual implicava na destinação de verbas públicas para financiamento de instituições de caráter religioso. (RIBEIRO, 1997b). Um pequeno artigo publicado por Darcy Ribeiro em nome de Anísio Teixeira, tendo em vista o ataque da oposição em decorrência de suas idéias, sintetiza o posicionamento de ambos sobre o tema:

> Sou contra: a educação elitista e antipopular; o analfabetismo da maioria dos brasileiros; a evasão e a repetência na escola; a falta de consciência dessa calamidade; o caráter enciclopédico e ostentatório do nosso ensino; o funil que só deixa cinco por mil dos alunos chegarem à universidade; o esvaziamento do ensino superior; a multiplicação das escolas privadas e ruins. Sou a favor: de uma escola primária popular e séria; da educação média formadora do povo brasileiro; do uso dos recursos públicos nas escolas públicas; da educação para o desenvolvimento econômico e social; da educação fundada na consciência lúcida (RIBEIRO; 1997b, p. 233).

De seu ponto-de-vista, a educação, sob o monopólio do saber escolástico, levava a população não apenas a uma situação de falta de instrução, mas principalmente a uma

ausência de consciência crítica sobre a situação de ignorância em que se encontrava (RIBEIRO; 1997b).

A disputa travada com setores da Igreja Católica sobre o domínio do campo educacional repercutiu na definição do caráter da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação que fora aprovado no governo de Jânio Quadros, permitindo a criação do Conselho Federal de Educação e da Universidade de Brasília (UnB). Ainda que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na avaliação de Ribeiro (1997b) tenha resultado conservadora, a Universidade de Brasília, em sua constituição inicial, teve um caráter de inovação e vanguarda. Pressupunha tanto uma modificação da convencional estrutura interna em forma de cátedras, quanto uma flexibilização do ensino no sentido de oportunizar um amplo diálogo entre as áreas através da possibilidade dos estudantes comporem sua formação conforme seus objetivos e perfis.

A UnB, apesar de ser um empreendimento liderado por Darcy e Anísio, significou um projeto construído e idealizado por amplos setores da sociedade, como a Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC). Graças a esse projeto considerado uma "Universidade Utópica", um movimento de reforma universitária surgiu no País com o intuito de modificar o Ensino Superior, caracterizado até então pela formação profissionalizante, avessa ao co-governo, elitizada, pouco eficiente, desarticulada das necessidades concretas do País e carente de pós-graduação (RIBEIRO; 2009).

Uma das características centrais do projeto original da Universidade era dar atenção ao estudo da problemática brasileira, tanto no que tange à produção de conhecimento, como por meio da função de assessoramento. Além de propiciar o envolvimento de toda a comunidade acadêmica nas decisões, um dos objetivos da UnB era também formar quadros próprios acadêmicos, dando a oportunidade para a geração de saberes sobre a própria realidade incorporados por intelectuais forjados no País.

> Sua característica distintiva se acentuava na macroestrutura tripartida de Institutos Gerais de Ciências, Letras e Artes, dedicados ao cultivo e ao ensino do saber fundamental; de Faculdades Profissionais, devotadas à pesquisa e ao ensino nas áreas das ciências aplicadas e das técnicas; e dos Órgãos Complementares, que prestariam serviço à comunidade universitária e à cidade (RIBEIRO, 2009, p. 108).

Se, por um lado, a ditadura militar acabou com o projeto de "Universidade Semente" como carinhosamente a ele se referia, por outro, levou-o a atuar em outros países como idealizador de mudanças no ensino superior e planejador de novas instituições de pesquisa e ensino. No México, planejou o Centro de Estudos do Terceiro Mundo; na Costa Rica, criou a nova Universidade Nacional (NEPOMUCENO; 2009). Colaborou também no seminário de reformas da Universidade de La República, no Uruguai; no seminário de renovação na Universidade Central da Venezuela, de acordo com sua concepção de universidade apresentada na obra "A Universidade Necessária" (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2005).

Durante o Governo João Goulart, Darcy colocou em prática o Primeiro Plano Nacional de Educação e a Unb; após a abertura política e a re(democratização) do País, idealizou e executou a implantação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS) e a Universidade Estadual do Norte-Fluminense (UENF), durante os mandatos de Leonel Brizola como Governador do estado do Rio de Janeiro. Em todos esses projetos, a elaboração arquitetônica foi realizada por um de seus maiores amigos – Oscar Niemayer.

Os CIEPS foram criados, em 1983, com o intuito de mudar o ensino por turno e oportunizar às crianças marginalizadas o acesso ao mesmo nível de educação oferecida a filhos de famílias abastadas e a crianças de países desenvolvidos. A proposta de Darcy era a construção de 500 CIEPS para atender, cada um, 1000 crianças, garantindo a educação em

turno integral – o que implicava inclusive, a mudança do regime de trabalho dos professores, bem como do projeto pedagógico do ensino escolar. Vale lembrar que o Sambódromo, idealizado como um grande espaço de realização do carnaval carioca, é um CIEP multifuncional, dedicado, durante o ano, ao ensino de crianças em turno integral (RIBEIRO, 1997b).

A UENF, por sua vez, foi criada, em 1993, para o que deveria ser uma universidade para o terceiro milênio: "voltada para formar alunos que vão operar depois do ano 2000 nas fronteiras do saber científico e tecnológico [...] e, particularmente, suprir as deficiências da região onde se implantava (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2005). Em pouco tempo, como relata Darcy, a Universidade começou a ter seu projeto inicial distorcido pela sobreposição da área meio (burocrática) sobre a área fim (acadêmica) em decorrência da autonomia da fundação criada para administrá-la (RIBEIRO, 1997b).

A partir de então, dedicou-se ao ensino à distância, concebendo o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sobre o qual esclarecia:

> Minha universidade do ar é perfeita como um hospital sem doentes e sem médicos. Toda televisiva e textual. Inspira-se na Open University, de Londres, e nas congêneres de Madri e Caracas. Criá-la é a perspectiva aberta pela Lei de Diretrizes e Bases e da educação nacional que fiz aprovar no Congresso e que foi batizada de Lei Darcy Ribeiro. Nela restringe-se a freqüência obrigatória, possibilitando o ensino à distância para os níveis primário, médio e superior. Isso representa perigo e uma ampla perspectiva de melhoria do ensino. Perigo porque se o ensino à distância se converter em máquina de fazer dinheiro, como ocorre na maioria das escolas privadas, será um desastre. Promessa porque possibilitará o Brasil recuperar trinta anos de atraso que tem nessa matéria, criando programas responsáveis de ensino à distância nos três graus (RIBEIRO, 1997a).

Esse intelectual de *"fazimentos"* (RIBEIRO, [1997?], além de criador e reformador de universidades, realizador de outros projetos educacionais, como bibliotecas, museus e escolas, durante sua trajetória como educador, conciliou esses feitos com os de docente e pesquisador em antropologia. Por exemplo, como docente de Etnografia Brasileira e Língua Tupi da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1955, como professor pesquisador na Universidade do Chile, em 1971 e professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1979. Além de criar, em 1954, o 1° Curso de Pós-Graduação em Antropologia Cultural dentro do Museu Nacional do Índio, este também idealizado por ele em 1953, em 1955 levou o mesmo curso para o Centro Brasileiro de Pesquisas Organizacionais, quando foi trabalhar com Anísio Teixeira, ampliando aquele curso na área de estudos sociológicos e criando um programa de pesquisas sócio-antropológicas (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, [2009?]).

Muito do que lhe foi possível fazer no campo educacional deveu-se ao fato de, como senador, ter formulado e aprovado a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que recebeu o seu nome e orientou a reformulação do ensino brasileiro a partir da década de 1990.

O homem político

Darcy Ribeiro demonstrava certa aversão ao intelectual catedrático, enclausurado tanto em prédios de universidades, quanto em verdades pré-concebidas. Esse conceito de intelectual não lhe cabia e fazia-lhe polarizar o perfil de ideólogo com o de homem de ação, entre o conhecimento adquirido por políticos como Brizola e Jango e aquele cultivado por especialistas de determinados temas (RIBEIRO, 2007).

Muito embora Darcy tenha adotado uma visão crítica sobre suas próprias experiências e inclusive sobre os limites das instituições, o intelectual não assumiu exclusivamente a dimensão negativa da crítica – de aversão ao *status quo* – mas buscou edificar suas utopias: engajar-se em uma postura positiva e propositiva diante do processo histórico aberto a sua frente.

Darcy ocupou posições importantes no âmbito político brasileiro e internacional, exercendo diversos cargos na América Latina: Ministro da Educação e Ministro-Chefe da Casa Civil no Governo João Goulart; assessor especial ao Governo de Salvador Allende, no Chile, e de Velasco Alvarado, no Peru; após o regime militar, foi vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, Secretário da Ciência e da Cultura e concluiu sua vida política como senador da República.

Esse envolvimento em diversos espaços da vida política, além de corresponderem a momentos históricos importantes do Brasil no século XX, se relacionava, novamente, com o sentimento de responsabilidade que parecia impregnar a vida do homem de múltiplas faces. Para Ribeiro (apud NEPOMUCENO, 2009, p. 12) "nesta América Latina você só tem duas opções: se resignar, ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca".

Essa indignação, antes de tudo perante o drama humano, significava para Darcy "uma capacidade de assumir a humanidade como seu problema e assumir, muito mais, seu povo. [...] O mundo é um projeto que os homens poderiam fazer. A essência da natureza humana é que ela é utópica" (CALLADO, HOUAISS e NEPOMUCENO; 1997, p. 95). Foi através do seu primeiro contato com o Partido Comunista, ainda na juventude, que Darcy estabeleceu as bases desse compromisso. Porém, em decorrência de sua percepção da inviabilidade histórica das concretizações de uma esquerda mais negativa, Darcy se afastou da visão dogmatizada com que o PC encarava o modo de intervenção na história política do País.

Com o suicídio de Getúlio Vargas, Darcy relata que percebeu a necessidade de atuar de modo concreto na história política e se aproximou do Partido Trabalhista Brasileiro (CALLADO, HOUAISS e NEPOMUCENO; 1997). Através dessa atitude, sua ação se dirigiu a apoiar um projeto de desenvolvimento autônomo, o que implicava na solução de um dos grandes problemas do Brasil: a reforma agrária. Tanto nos seus dois momentos extremos de atuação política institucional – como Chefe da Casa Civil de Jango, no início dos anos 1960, e como Senador da República, nos anos 1990, a defesa da Reforma Agrária ressoou em várias formas de intervenção de Darcy: seja escrevendo discursos para João Goulart, seja se manifestando no Parlamento, ou mesmo participando como colunista de jornais.

Os posicionamentos políticos de Darcy expressavam, além de um espírito de nacionalismo, também um olhar sobre as injustiças que ocorriam nas fronteiras da civilização – não apenas sobre os mesmos caboclos e índios que ele conheceu pelas suas expedições no interior do Brasil, mas também sobre os marginalizados do meio urbano, muitos expulsos do campo. Em outros termos, Darcy, no âmbito da ação política, se propôs a buscar soluções que viabilizassem um socialismo em liberdade com a possível perpetuação do sistema capitalista (RIBEIRO, 2009).

Entre as muitas idéias defendidas por Darcy, duas foram grandes apostas no Governo de Jango que, com o advento da ditadura militar, foram aniquiladas: a primeira, o controle do capital externo, inibindo a espoliação das riquezas do Brasil em favor de outros países, e, a segunda, a reforma agrária. Enquanto a reforma agrária consistia em uma medida que visava reduzir os latifúndios improdutivos e permitir que os marginalizados fossem incluídos dentro do sistema produtivo nacional, acabando assim com o desemprego e a fome, a Lei da Remessa de Lucros visava fazer com que os lucros obtidos através de investimentos no País por empreendedores externos fossem aqui reinvestidos, incentivando, assim, a reversão de nossas riquezas em desenvolvimento nacional (RIBEIRO, 1997b).

> Esta regulamentação capitalista e justa, mas também nacionalista, era, porém, inadmissível para as multinacionais, então em plena expansão. Aprovada no Brasil, a lei de remessa de lucros rapidamente se estenderia por toda a América Latina e depois pelo Terceiro Mundo. Assim seria porque ela representava um padrão institucional novo e capaz de pôr limites ao sistema econômico vigente em que são os povos pobres que subsidiam a prosperidade dos povos ricos, em razão das relações desiguais do intercâmbio internacional que lhes são impostas, da apropriação de suas riquezas e por último de seus mercados internos pelas multinacionais (RIBEIRO, 2001).

Com o golpe militar, Darcy foi exilado e viu interrompidos esses projetos. De seu ponto-de-vista, a difusão de regimes militares na America Latina gerou retrocesso no plano social e repressão no âmbito político (RIBEIRO, 2001). Todavia, com o processo de abertura política, Darcy voltou à vida política do País e, com Leonel Brizola, fundou um novo partido, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), tendo em vista a adoção da sigla PTB por outro grupo político (RIBEIRO, 1997b; WIKIPÉDIA, 2009). Foi através dessa nova sigla que tentou dar continuidade a seus ideais, ainda que em condições históricas modificadas, exceto no que tange à relação de subjugo em que a América Latina se encontrava.

Sobre sua atuação na vida política, confessa:

> Participei do governo mais como administrador da coisa pública do que como político profissional. Sempre atento aos interesses contrapostos dos donos da vida e dos excluídos. Esforçando-me quando pude para alargar as bases da sociedade brasileira para que mais gente coma, more e se eduque (RIBEIRO, 1997b, p. 311).

Embora tenha passado por situações difíceis, como derrotas políticas, doenças e o cárcere, Darcy nunca perdeu a esperança de fazer da América Latina e, especialmente, do Brasil, um espaço de prosperidade porque habitado por um povo exemplar no seu modo de convivência com a natureza e com as outras nações. Para ele, caberia ao povo brasileiro realizar as suas potencialidades e ser o que ele ainda não é: uma das grandes civilizações do mundo (LIMA, 2007).

Afinal, por que estudar Darcy Ribeiro em Estudos Organizacionais?

Poderíamos dizer que a produção teórica de Darcy Ribeiro, os projetos no âmbito educacional e o seu reconhecimento internacional[1] são motivações suficientes para justificar a sugestão e a escolha para estudá-lo. Provavelmente o próprio encararia isso como diletantismo barato se, para além do conhecimento, essa motivação não se transformasse em uma atitude diante do mundo, da forma de produzir conhecimento, da natureza do conhecimento produzido, em resumo, da maneira de abordagem e compreensão dos problemas nacionais e latino-americanos, tanto quanto das formas de ação para a transformação da sociedade.

De seu exercício e crítica ao funcionalismo, perspectiva tão presente em nossa área de estudos, à irracionalidade da atividade científica guiada por padrões de produtividade que possam nos garantir viver do "prestígio" da "ciência" que produzimos às categorias propriamente criadas para analisar o modo de vida das gentes brasileiras, como o conceito de transfiguração étnica, que permitiu entender a violenta confrontação do universo indígena com o mundo civilizado e a manutenção de sua identidade; de sua postura intelectual; de sua praxiologia permanente, ainda (ou, por isso mesmo) que contraditória em vários momentos.

Todos são, ao mesmo tempo, instigantes e desafiantes pontos a aprofundar e, criticamente, apropriar.

Sobretudo, sua produção intelectual se coaduna, confronta e contribui para compreensão da realidade brasileira e o contexto de submissão nos quais foram inseridos historicamente os países da América Latina, tema pouco freqüente em nossos estudos. Como se as organizações e os processos organizacionais ocorressem num mundo asséptico, movido por *"homens organizacionais"* onipresentes!

> Darcy Ribeiro foi um homem de seu tempo e um intelectual de permanência. Havia nele, acima de tudo, o compromisso ético de mudar a sociedade, tornar realidade o outro mundo que sabia possível, contribuir para nos transformar no que poderíamos e deveríamos ser e para que não continuássemos a ser o que fizeram (ou o que deixamos que fizessem) de nós (NEPOMUCENO; 2009, p. 10).

Se o imperativo do desenvolvimento instigou a emersão da consciência crítica de uma geração (RAMOS, 1965) de pensadores, que foram dispersos e afastados dos seus contextos de origem pelas ditaduras militares nos países da América Latina, sem dúvida, aquela marca histórica foi um dos fundamentos do esforço de Darcy Ribeiro em repensar o Brasil como forma de encontrar meios de elevar o País e suas pátrias-irmãs a um patamar mais elevado, ou seja, de "aceleração histórica". Se compete aos estudos organizacionais uma postura crítica, repensar a própria realidade no sentido de contribuir para a composição de uma personalidade histórica de seu povo, ou seja, a partir da "(...) da percepção dos fatores que o determinam" (RAMOS, 1965; p. 61), é fundamental estudar autores como Darcy Ribeiro, tanto em relação ao conjunto de sua obra teórica, quanto em relação às realizações na esfera política enquanto um ator engajado. Como afirma Ramos (1995, p. 62). "[...] somente aquele que pode assumir, de modo deliberado, um ponto de vista 'só o que pode escolher', pode 'abraçar o todo da estrutura social e política".

Darcy Ribeiro representa, para o pensamento latino-americano, uma importante referência de produção dirigida à transformação do contexto social e político e, mais, uma importante fundamentação para repensar a prática científica em articulação com outras práticas sociais. Em outros termos, a trajetória e obras de Darcy servem de base para aprofundar a reflexão sobre o que afirma Guerreiro Ramos: "todo fazer humano implica uma 'interpretação' das coisas que manipula, como todo teorizar é extensão do fazer ao nível da representação. Não é, pois, legítimo extremar a distinção entre teoria e prática" (RAMOS, 1965, p. 116).

O estudo de Darcy Ribeiro e de seu pensamento, em articulação com outros pensadores da América Latina, não menospreza a produção intelectual que emerge em outros contextos, inclusive periféricos; esforça-se, fundamentalmente, em reverter o quadro em que se encontra o próprio pensamento de nossos intelectuais, em uma situação de subjugo, menosprezo ou desconhecimento que impera em muitas universidades, as quais são espaços privilegiados, porém não exclusivos, de produção e difusão do saber. Desse modo, ao tematizar as preocupações de Darcy, estar-se-á não apenas tecendo novas ligações entre a tradição intelectual do passado e do presente, mas se intencionará problematizar os crônicos problemas teóricos e de outros níveis da prática que limitam a ação transformadora.

Para Ramos (1995, p. 45) se, por um lado, "a descoberta da historicidade do pensamento é que veio possibilitar o refinamento do pensamento científico das ciências sociais, inclusive da sociologia" e, por outro, a autenticidade da sociologia está vinculada à sua capacidade de contribuir para uma "autoconsciência nacional", estudar as obras de Darcy Ribeiro, assim como de outros pensadores latino-americanos, é uma forma de reconhecimento do próprio potencial nativo que, a partir das condições históricas objetivas, compreende

sociologicamente a si e ao seu contexto, além de contribuir para o avanço da produção sociológica do conhecimento universal.

Assim como a sociologia política, os estudos organizacionais precisam estar abertos "[...] a retificações, desdobramentos e incorporações (RAMOS, 1995, p. 61)" e derivam das circunstâncias de sua produção. Desse modo, a inclusão da produção de Darcy Ribeiro nesta área permitirá ampliar o debate e, inclusive, refutar velhos preconceitos, implícitos na prática de muitos acadêmicos, de que somos meros consumidores de saberes importados e consagrados, em constante veneração ao que se apresenta como exótico à nossa própria auto-consciência.

A aproximação à produção de Darcy Ribeiro, além de permitir a compreensão do contexto latino-americano, apóia e fortalece, no âmbito das disputas no campo dos estudos organizacionais, o enfrentamento de situações de agenciamento em que os países considerados subdesenvolvidos são submetidos em decorrência de uma assunção acrítica dos saberes reproduzidos no exterior, os quais também constituem, no seio da produção simbólica, em formas de dominação.

Repetindo Darcy: em países, a exemplo do Brasil - composto, de modo majoritário, por Povos Novos, sem passado, destinados ao porvir, a história se apresenta como um convite a repensar a própria trajetória, não com fatalismo, mas com uma visão crítica e com possibilidades de outro desfecho – mais positivo e emancipador do que nos séculos precedentes. Mesmo herdeiros de povos dizimados e recoloridos, misturados e domesticados, e até mesmo divididos por diferenças lingüísticas e barreiras geográficas, os países latino-americanos tem ao seu favor não apenas terras onde tudo dá, mas diferenças culturais que se apresentam como riquezas para o enfrentamento de problemas locais. Nesse contexto, o despertar de uma consciência crítica representa apenas um passo para a caminhada do avanço evolutivo, substanciado na admissão e consideração explícita de nossas origens e destinado à construção de nossas potencialidades - organizacionais, inclusive.

Para finalizar, deixamos em aberto o desafio de refletir e, criticamente apropriar ou abandonar, as provocações de Darcy. Da organização social dos indígenas à sua forma de integração à sociedade mercantil, mantendo a identidade; da organização da universidade, passando pela definição de políticas educacionais, aos riscos e promessas do ensino a distância, tudo nos parece passível de integrar agendas de estudos e pesquisas que se pretendam comprometidas com a transformação de nossa realidade. Estão aí Belo Monte e a resistência dos grupos indígenas, estão aí as lutas pela ampliação do acesso às universidades públicas gratuitas e de qualidade, estão aí as disputas pelo modo de organização do ensino à distância... e tantos outros belos e ricos desafios que seremos capazes de construir e pelos quais haveremos de lutar, instigados por sua inquietude e pelo eco de suas provocações:

> *...Termino essa minha vida exausto de viver, mas querendo ainda mais vida, mais amor, mais travessuras. A você que fica aí inútil, vivendo essa vida insossa, só digo: - Coragem! Mais vale errar se arrebentando, do que preparar-se para nada. O único clamor da vida é por mais vida bem vivida. Essa é, aqui e agora, a nossa parte. Depois seremos matéria cósmica. Apagados, minerais. Para sempre mortos. (Darcy RIBEIRO, 1997a).*

Referências

CALLADO, Antônio Callado; HOUAISS, Antônio; NEPOMUCENO; Eric. *Quem é Darcy Ribeiro*: Mestiço é que é bom. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

FREIRE, Paulo. Considerações sobre o ato de estudar. In: _____. *Ação cultural para a liberdade*: e outros escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Acao_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em 20 dez. 2009.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. *Biografia*; *Fazimentos:* educação: UENF. Rio de Janeiro: FUNDAR, 2005. Disponível em http://www.fundar.org.br/. Acesso em 15 fev 2010.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC. *Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/darcy_ribeiro. Acesso em 10 fev 2010.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Índios do Brasil:* personagens: Darcy Ribeiro. Brasília: FUNAI, [2009?]. Disponível em http://www.funai.gov.br/indios/personagens/darcy.htm. Acesso em 15 fev 2010.

LIMA, Fernando Barbosa. *Darcy Ribeiro*: o guerreiro sonhador. Rio de Janeiro: FBL - Produção e Criação, 2007 (documentário).

NEPOMUCENO, ERIC (Org.). *Darcy Ribeiro*: crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RAMOS, Guerreiro. *A Redução sociológica*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

RIBEIRO, Darcy. 1964: um Testemunho. In: NESTROVSKI, Arthur. *Figuras do Brasil*: 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 220-224.

RIBEIRO, Darcy. *Apreciações.* Rio de Janeiro: FUNDAR, 1997a. Disponível em http://www.fundar.org.br/. Acesso em 15 fev 2010.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

RIBEIRO, Darcy. *Fazimentos.* Rio de Janeiro: FUNDAR, [1997?]. Disponível em http://www.fundar.org.br/. Acesso em 15 fev 2010.

RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília: UnB, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *A Universidade necessária.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: e*studos de Antropologia da Civilização. 5.ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977a.

WIKIPÉDIA. Partido Democrático Trabalhista. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Democr%C3%A1tico_Trabalhista. Acesso em 19 fev 2010.

[1] foi laureado por Sorbonne, Universidade de Copenhague, Universidade da República do Uruguai, Universidade Central da Venezuela e Universidade de Brasília com o título de Doutor Honoris Causa